

“UM VERDADEIRO ARRASTÃO DE FÉ”: A PEREGRINAÇÃO AO SANTUÁRIO DE SANTA LUZIA NA DIOCESE DE ESTÂNCIA

"A TRUE FAITH DRAGNET": A PILGRIMAGE TO LUZIA SANTA SANCTUARY AT ESTÂNCIA DIOCESE

Magno Francisco de Jesus Santos

RESUMO

As peregrinações aos lugares santos constituem uma das mais antigas e significativas manifestações devocionais do catolicismo. O mundo católico, em certa medida, formou-se a partir da definição de hierarquias entre os santuários, com a constituição de espaços privilegiados, nos quais recebem milhares de peregrinos anualmente. Esse artigo analisa uma peregrinação do tempo presente, criada na Diocese de Estância, região sul de Sergipe, nos idos de 2011, que reúne aproximadamente 10.000 devotos. Tem-se a intenção de compreender os elementos de redefinição da identidade devocional apresentada pela referida diocese por meio dos usos da cultura histórica acerca da conquista de Sergipe como componente na difusão de novos espaços devocionais.

PALAVRAS-CHAVE: Santuário; peregrinação; cultura histórica; Sergipe.

ABSTRACT

The pilgrimages to holy places is one of the oldest and most significant devotional manifestations of Catholicism. The Catholic world, to a certain extent, it was constituted by the definition of hierarchies among the sanctuaries, with privileged spaces in which receive thousands of pilgrims annually. This article analyzes a current pilgrimage, that it was created by Estância Diocese, in the southern region of Sergipe, in 2011 and gathering about 10,000 devotees. It has been the intention to understand the redefinition elements of the devotional identity announced by this diocese through the historical culture uses during the conquest of Sergipe as a component of new devotional spaces.

KEYWORDS: Sanctuary; pilgrimage; historical culture; Sergipe.

INTRODUÇÃO

Estas fiestas responden a una necesidad profunda de los pueblos por expresar la devoción religiosa y la alegría de las gentes con su sentimiento de acercamiento al mundo espiritual. Una actitud de unión al Ser Supremo, a los santos y a los hechos religiosos de permanente vigencia y que se recuerdan en días especiales que se convierten en fiestas y romerías. (OCAMPO LÓPEZ, 2013).

A assertiva de Javier Ocampo López acerca das festas e romarias da Colômbia, expressa uma realidade que permeia as diferentes culturas do mundo ibero-americano. Trata-se, de fato, do papel desempenhado pelas celebrações católicas nessas sociedades, apresentando-se como elemento aglutinador da população e de efusão das práticas culturais, dos saberes e dos fazeres. Além disso, as festas se tornaram a ocasião propícia para reatar publicamente os laços afetivos e devocionais entre os devotos e os santos, a oportunidade de promover o encontro com as imagens sacras e de visitação aos lugares santos. Sem sombras de dúvidas, as celebrações católicas se tornaram ícones centrais da busca pela união com o cosmo, o espaço privilegiado da propulsão de hierofanias (ELIADE, 2001).

Esse encontro de homens e mulheres com a esfera sacralizada é um dos matizes centrais das festividades religiosas. Trata-se, portanto, do tempo extraordinário, da temporalidade que se sacraliza e, na visão do devoto, retira-se do tempo e retorna ao tempo mítico. A festa reatualiza o mito e o perpetua. Por esse ângulo, a festa expressa os inúmeros movimentos de construção e reconstrução das identidades. Ela não pode ser vista meramente como uma ação de ruptura da estrutura social, mas ao contrário, reflete os dilemas e as desigualdades existentes na mesma. De acordo com Paulina Peralta,

Se puede argumentar, entonces, que la fiesta no es ajena a la existencia humana, sino que, forma parte de la vida misma. Sin embargo, al intentar definirla de la manera más concreta, comienzan a surgir diversos obstáculos semánticos. En efecto, el asunto se complica al momento de buscar conceptos plenamente adecuados con los cuales enfrentarse al análisis de la experiencia festiva, pues existen una serie de términos que son utilizados indistintamente para referirse a la fiesta, pero que no son del todo acertados. (PERALTA, 2007, p. 16).

Na ótica da historiadora chilena, conceituar festa é uma das principais dificuldades enfrentadas pelos pesquisadores, em decorrência da polissemia do termo e de suas inúmeras questões inerentes a sua semântica. Entre os principais problemas destacam-se a necessidade de entender a frequência de realização das celebrações e os conceitos de tempo e temporalidade. Além dessas questões, de grande relevância, existe

outra de igual importância. É o uso da festa como instrumento de poder, de reafirmação social e política como trama inventiva das tradições (HOBSBAWM; RANGER, 1984).

Mesmo reconhecendo que todas as tradições são inventadas, se torna salutar engendrar problematizações sobre os diferentes usos políticos das festas, ou seja, as inquirir sobre intencionalidades inerentes ao enredo festivo no processo de construção de novas identidades e/ou de recuperação de um passado a ser solenizado. Como elucida Paulina Peralta,

Se deduce que la temporalidad también puede ser definida como el conjunto de percepciones con que el ser humano comprende el paso del tiempo. Por lo tanto, al interior del tiempo se “yuxtaponen” diversas temporalidades, que pueden o no ser simultáneas. (PERALTA, 2007, p. 18).

Diante desse quadro, percebe-se como a festa aproxima-se das questões inerentes ao campo da cultura política. O enredo festivo pode revelar a tentativa de construir ou de promover a disseminação de uma leitura comum do passado, da recuperação de episódios e sujeitos de outros tempos, no sentido de lhes atribuir um significado que atenda às necessidades do presente. De igual modo, a festa soleniza a propulsão de um projeto comum de futuro, um estilo de vida, um modelo a ser disseminado entre as diferentes camadas sociais. Com isso, uma festa pode ser um percurso a ser trilhado para revelar “um conjunto de representações complexo e heterogêneo”, forma pela qual Ângela de Castro Gomes explica a cultura política (GOMES, 2007, p. 47). Nesse modo, o conceito de cultura política foi retomado pela historiografia por “permitir explicações/interpretações sobre o comportamento político de atores sociais, individuais e coletivos, privilegiando-se seu próprio ponto de vista: percepções, vivências e sensibilidades” (GOMES, 2007, p. 47).

Por meio da cultura política torna-se possível reconstruir percursos políticos fora do âmbito da política partidária, ou seja, como elucida René Rémond, “se o político deve-se explicar antes de tudo pelo político, há também o político mais que político” (RÉMOND, 2007, p. 36). Nessa busca pelo político mais que político, as festividades podem ser vistas como momento de efervescência de culturas políticas, de fusão de leituras do passado e de projetos de futuro. Elas evocam para um passado mítico, da origem devocional, do tempo sagrado, assim como para o passado histórico, do tempo de criação do lugar e da festa propriamente dita.

De ampla longevidade temporal ou oriundas de um passado próximo, as festas propulsionam o encontro dos festeiros com seu passado, histórico, inventado ou

reconstruído. Elas evocam uma cultura histórica, definida como “a relação que uma sociedade tem com o seu passado” ou, como salienta Jacques Le Goff, é o modo pelo qual “os homens constroem e reconstróem o seu passado” (LE GOFF, 2008, p. 48). Essa faceta é o guia que orienta esse artigo, que privilegia os usos do passado por meio de uma festa religiosa no extremo sul do estado de Sergipe.

Dois momentos históricos, temporalmente díspares, são postos em contato por meio da peregrinação ao Santuário de Santa Luzia do Itanhy: o tempo da conquista católica da capitania de Sergipe, na segunda metade do século XVI e tempo presente, com a realização de uma longa caminhada devocional envolvendo todas as paróquias da Diocese de Estância. Como elucida a antropóloga colombiana María Teresa Arcila, “la fiesta rompe la continuidad del grupo que la celebra e instaura otro tempo, un tempo sagrado (algunas veces un no-tiempo): el tempo de los ritos” (ARCILA, 2009, p. 15). Nesse caso, apesar de ser uma celebração recente, criada há apenas cinco anos, a referida peregrinação já pode ser vista como uma das mais significativas manifestações de fé na esfera diocesana. Magno Santos e Ane Luíse Santos revelam que no âmbito da Diocese de Estância, atualmente a peregrinação de Santa Luzia pode ser vista como uma das mais expressivas manifestações católicas, reunindo aproximadamente dez mil peregrinos, número menor apenas do que a festa da padroeira da cidade de Lagarto, que chega a reunir mais de quinze mil devotos (SANTOS; SANTOS, 2016, p. 3).

Inventada no tempo presente, a peregrinação de Santa Luzia expressa à associação de uma gama de significados históricos, como uma política religiosa voltada para a reinvenção de espaços sacralizados por meio de práticas devocionais que mesclam elementos da tradição católica com inovações promovidas por novos movimentos religiosos, entre os quais a Renovação Carismática Católica (RCC). Essa simbiose de símbolos, de remissão ao passado e evocação ao futuro, constitui uma ação de formar uma prática devocional com uma definição ampla, polissêmica e contornos relativamente indefinidos, nos quais múltiplas vivências e percepções religiosas se mesclam na construção de um enredo festivo.

São essas percepções e vivências que serão valorizadas neste artigo, que tem como foco o mais recente evento religioso católico de Sergipe, a peregrinação ao Santuário de Santa Luzia do Itanhy, criada nos idos de 2011. O propósito desse artigo é compreender o processo de evocação de uma cultura histórica do catolicismo em Sergipe no processo de implantação e legitimação de uma nova prática devocional. Para

efetivar essa proposta, consultamos documentos publicados pela Diocese de Estância nos últimos decênios, bem como analisamos textos publicados nas redes sociais para tornar possível a compreensão das estratégias de difusão e legitimação de novas manifestações de fé no Brasil Contemporâneo.

A problematização dessa questão foi dividida em dois momentos. O primeiro elucida a profusão de celebrações católicas em Sergipe ao longo dos séculos XX e XXI, com uma discussão acerca da historiografia sobre festas católicas nas paróquias que integram a Diocese de Estância. O segundo momento enfatiza o processo de criação da peregrinação de Santa Luzia, a elevação da igreja matriz do município a condição de Santuário e as diferentes apropriações do passado como justificativa para atais ações, ou seja, como a cultura histórica da conquista católica de Sergipe se tornou o pilar de edificação de uma nova expressão devocional no século XXI.

MANIFESTAÇÕES CATÓLICAS EM SERGIPE

Apesar de ser a menor unidade da Federação, Sergipe é um estado com grande efervescência de festas religiosas, sendo muitas delas de expressiva participação popular, especialmente os segmentos mais pobres da população brasileira. Entre as maiores manifestações devocionais do estado, destacam-se a peregrinação ao Santuário de Nossa Senhora Divina Pastora, a romaria do Senhor dos Passos de São Cristóvão e as peregrinações de Nossa Senhora Aparecida, no município homônimo e na capital sergipana. Tais celebrações constituem o que pode ser visto como o patrimônio festivo sergipano. O patrimônio festivo, pensado por María Teresa Arcila, “permite construir correlaciones entre las fiestas de un territorio en función de su capacidad para representar o simbolizar su identidad cultural” (ARCILA, 2009, p. 13).

É importante ressaltar que essa concepção de patrimônio acerca das festividades não elucida propriamente as manifestações reconhecidas pelo poder público como patrimônio, ou seja, os bens de natureza imaterial registrados pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) ou pelos órgãos estaduais de proteção ao patrimônio cultural. A correlação existente entre as festas e o patrimônio perpassa pela capacidade das mesmas em representar ou simbolizar a identidade cultural de um território. Nesse caso, privilegiam-se os grupos sociais e suas produções e

elaborações dos processos de construção de identificação e suas estreitas relações com as festividades que tem lugar em um território.

No caso sergipano, muitas das solenidades católicas apresentam essas duas concepções de patrimônio, pois além de serem espaços privilegiados de representação das identidades regionais, também já foram alvo da ação do poder público, com uma inexpressiva política pública de registro (SANTOS, 2016), na qual os detentores dos bens reconhecidos não foram levados em consideração e, na maioria dos casos, nem chegaram a ser consultados acerca da proteção pelo poder público estadual. Ações como essas refletem uma concepção de patrimônio voltada para os cânones burocráticos do Estado. Isso porque as propostas levam em consideração quase que exclusivamente as interlocuções gestadas pelos intelectuais burocratas inseridos na esfera do poder e os interesses políticos vinculados às expressões festivas. Com isso, celebrações católicas se tornam patrimônio cultural de natureza imaterial meramente pelo viés da documentação oficial e não raramente os detentores do bem permanecem totalmente à revelia da questão, sem consulta prévia, nem a posteriori. O antropólogo espanhol Llorenç Prats problematiza a questão das hierarquias tecidas na gestão da memória coletiva em processo de patrimonialização:

Otro movimiento, si no general por lo menos desigualmente presente en todo el mundo mínimamente desarrollado, es la reivindicación de la memoria pretendidamente colectiva, aunque sería más apropiado hablar de discursos contruidos a partir de recuerdos (no sólo) y compartidos por grupos afines y fijados jerárquicamente, distintos y más o menos divergentes entre ellos, pero en cualquier caso limitados. (PRATS, 2012, p. 70).

Fora do âmbito das políticas de patrimônio cultural, as principais celebrações católicas de Sergipe também já foram alvo de pesquisas acadêmicas, as quais passaram a discutir importantes questões acerca de categorias como performances, fenômeno comunicacional, saúde e identidades coletivas. Contudo, apesar de existir uma inegável propulsão de estudos sobre o fenômeno religioso em Sergipe, com foco especial para as manifestações católicas de massa, é notória a existência de uma centralização das pesquisas em apenas dois grandes eventos: a romaria dos Passos e a peregrinação à Divina Pastora.

No caso da romaria do Senhor dos Passos, parte considerável das análises foi produzida no âmbito da pós-graduação e discutiram diferentes aspectos da celebração

que é considerada a de maior longevidade no estado. Antônio Bittencourt Júnior analisa a romaria como um instrumento de comunicação, com ênfase para as estratégias de devotos em buscar o milagre por meio de práticas tidas como tradicionais. Nesse caso, a romaria é compreendida como um espaço de disputas, de construção de hierarquias no qual o clero e as camadas populares reafirmam seus interesses e suas estratégias de controle da solenidade (BITTENCOURT JÚNIOR, 2003).

Outro aspecto relevante na romaria dos Passos na cidade de São Cristóvão, primeira capital de Sergipe, é o caráter penitencial, pois se trata de uma manifestação religiosa do período quaresmal e o templo que abriga a devotada imagem reúne um vasto acervo de ex-votos. Estes foram alvo de inúmeras pesquisas. Luís Américo Bonfim, ao tentar mapear os ex-votos nos santuários do Nordeste, revela algumas questões voltadas para a contemporaneidade do acervo em São Cristóvão (BONFIM, 2007). Outro estudo que discute os ex-votos é a dissertação em Antropologia de Maria Lúcia Pereira. Apesar da frágil análise historiográfica, a autora consegue apresentar uma instigante leitura acerca dos ex-votos como testemunhos da busca pela saúde e registro das doenças que afetavam a sociedade sergipana (PEREIRA, 2012). Já Ivan Aragão discute esse acervo e a própria romaria como potencial atrativo turístico (ARAGÃO, 2012).

As questões dos usos políticos da romaria e dos impasses acerca da religiosidade das camadas populares são analisadas na tese de Magno Santos. O autor busca problematizar as diferentes percepções acerca da celebração, com foco na produção intelectual e nos conflitos ocorridos nos bastidores da romaria no período entre a segunda metade do século XIX e o início do século XX (SANTOS, 2015). Com isso, pode-se aferir que a romaria dos Passos é a celebração religiosa de Sergipe com o maior número de estudos, enveredados por diferentes ângulos.

Em relação à peregrinação ao Santuário de Nossa Senhora Divina Pastora, criada em 1958 pelo padre Luciano Duarte, os estudos não são tão numerosos e apresentam menor amplitude analítica. Magno Santos analisa o processo de criação da peregrinação como estratégia do clero local em direcionar a Juventude Universitária Católica para práticas religiosas que mesclavam tradição e modernidade, ou seja, a realização de uma caminhada de estudos nos moldes da peregrinação de Chartres, na França (SANTOS, 2015).

Além dessa obra, destacam-se duas dissertações que buscam entender a referida peregrinação como uma encenação da existência social do povo sergipano. Cristiane Batista dos Santos analisa a peregrinação como uma performance. Já Izabel Cristina Ferreira Rodrigues, apresenta uma descrição etnográfica acerca da mesma celebração. As duas obras apresentam o mesmo problema, que é a ausência do rigor na pesquisa, principalmente no que condiz ao estado da arte, apropriado de trabalhos anteriores, sem acréscimos e possivelmente sem consulta aos textos originais, fato que fragiliza a argumentação presente nas análises.

No âmbito das romarias sergipanas é necessário ressaltar o importante trabalho produzido por Jan Hoffmam French sobre a romaria da Terra realizada anualmente pela Diocese de Propriá. A antropóloga norte-americana analisa a ação pastoral de Dom José Brandão de Castro a frente da Diocese de Propriá em consonância com os movimentos sociais do campo (FRENCH, 2007). Certamente, se trata de uma das obras de maior ressonância acerca do patrimônio festivo em Sergipe, pois elucida importantes questões dos usos políticos das romarias nas lutas sociais.

Percebe-se que os principais estudos acerca das peregrinações e romarias em Sergipe priorizaram as celebrações da Arquidiocese de Aracaju e da Diocese de Propriá. Em relação ao mundo festivo da região sul do estado, inerentes à Diocese de Estância, as pesquisas são em menor número e relativamente esparsas. Certamente a análise de maior fôlego é a tese de Claudfranklin Monteiro sobre a festa de São Benedito na cidade Lagarto, com um enfoque para o século XIX. Essa pesquisa elucida os embates travados pelo clero local no sentido de combater as práticas devocionais das camadas populares, suplantadas por novas devoções e espacialidades (SANTOS, 2013). Sobre esse mesmo período, Santos analisou os registros mnemônicos acerca da procissão dos Passos na cidade de Estância, com um enfoque voltado para a retórica da dor (SANTOS, 2011).

Apesar de ser considerável o número de publicações sobre as manifestações religiosas em Sergipe, ainda existem importantes lacunas a serem preenchidas, entre as quais, as atinentes aos usos da cultura histórica nos enredos das celebrações. Essa relação estreita pode ser compreendida por meio da problematização dos enredos festivos, como também da discussão sobre as diferentes estratégias de legitimação e difusão das práticas festivas. Tais aspectos serão discutidos no próximo tópico.

NAS VEREDAS DO PIAUITINGA: A PEREGRINAÇÃO DE SANTA LUZIA

Santa Luzia do Itanhy é uma das paróquias mais antigas de Sergipe. De acordo com Vicente Olinó, a freguesia foi criada no dia 5 de julho de 1680, oito anos antes da criação da vila (1929, p. 95). Entre os séculos XVII e XVIII, a vila de Santa Luzia foi uma das mais prósperas de Sergipe e tornou-se a porta de entrada, como um entreposto comercial na divisa com a Bahia. No âmbito da historiografia regional, Santa Luzia emerge como protagonista no processo de conquista da capitania, principalmente com os episódios do primeiro intento português em efetivar o domínio sobre as terras sergipanas, ocorrido nos idos da década de 70 do século XVI. De acordo com Vicente Olinó:

No anno de 1573 Luiz de Britto que foi o primeiro governador das capitánias do Norte do Brasil, entregou a Garcia d'Avila, rico fazendeiro no recôncavo da Bahia, a exploração das terras de Sergipe ou Serigy, o qual veio uma nau, com os precisos auxiliares, em direcção ao nordeste. Na altura da barra do Itapicuru encontrou cerração e tempestade no mar, de modo que mal pôde chegar em frente à barra de um rio desconhecido pelos nautas, onde fizeram uma supplica ao santo do dia, pois estavam em perigo a nau e os navegantes, levantarem uma capella, em signal de gratidão, no primeiro lugar escolhido pelos viajantes, se não percessem. De facto, foram milagrosamente salvos da tempestade, em pleno oceano – no dia 13 de dezembro de 1573. Nesse dia, levantaram a capellinha a excelsa virgem Luzia, a três léguas, mais ou menos, da barra do rio que beija o oceano nesta parte de Sergipe (Serigy). Garcia D'Ávila ordenou logo aos seus comandados que levantassem umas barracas de panno e de palha, como signal de povoação do solo, sob a proteção da gloriosa Santa Luzia. Voltou à Bahia e deu parte ao Governador do que vio entre os rios Piauguy e Itanhy. O Governador ordenou ao Padre Gaspar Lourenço, grande mestre da língua indígena, que viesse catechizar os índios das margens dos referidos rios. (OLINO, 1929, p. 93).

Essa descrição minuciosa, rica em detalhes, destoa dos registros dos principais nomes da historiografia regional, criando fatos que justificam o episódio da primeira tentativa de conquista, ocorrido em 1575. Esse intento delineou a presença jesuítica na capitania de Sergipe d'El Rey, com os padres Gaspar Lourenço, citado por Vicente Olinó, e João Salônio. Eles fundaram a Escola Nossa Senhora da Esperança e as três primeiras missões na região: São Tomé, Santo Inácio e São Paulo. De acordo com o historiador Felisbello Freire, a primeira dessas missões localizava-se próximo ao rio Piauí (1977, p. 5). Já a historiadora Maria Thetis Nunes, respaldada somente na análise documental, apresenta uma localização mais precisa, no local onde hoje está a cidade de Santa Luzia (NUNES, 2000).

De qualquer modo, essas discrepantes narrativas historiográficas acerca do processo de conquista de Sergipe, corroboram com uma questão, acerca do papel de pioneirismo atribuído a Santa Luzia do Itanhy. A cidade é vista como a protagonista no preâmbulo da conquista católica de Sergipe. Ela seria o marco inicial do processo de evangelização, de conversão dos gentios ao catolicismo, o passo inicial do domínio europeu nas terras de Serigy.

Contudo, essa povoação inicial, criada em 1573 ou 1575, possivelmente não deixou registros materiais, em decorrência da destruição provocada pela resistência indígena na Guerra de Sergipe (SANTOS, 2015; ALVES, 2015). Nesse caso, a atual Igreja Matriz devotada a Santa Luzia do Itanhy não teria nenhuma ligação histórica com a capela de palha construída nos idos de 1575 e devotada a São Tomé. Em se tratando da suposta capela de Santa Luzia, de 1573, a sua existência não apresenta comprovação histórica.

A atual cidade de Santa Luzia do Itanhy, com pouco mais de treze mil habitantes, e localizada no extremo sul do estado de Sergipe, entre os rios Real e Piauitinga, é uma das mais antigas povoações de Sergipe. Ela foi elevada a condição de vila ainda no período colonial, nos idos de 1698 (NUNES, 1989). Nesse sentido, alguns dos elementos centrais presentes na peregrinação, realizada a partir de 2011, apresentam uma conotação mais próxima da cultura histórica difundida no âmbito da tradição oral e da historiografia *outsider* do que dos textos históricos respaldados em documentos da época. O passado pré-colonial é recuperado como uma estratégia de legitimação das práticas devocionais e da própria condição da cidade como centro de romarias no alvorecer do século XXI. A manifestação religiosa, criada no tempo presente, evoca a um passado longínquo e reconstrói uma ideia de continuidade entre a experiência de conversão dos gentios da segunda metade do século XVI e as ações de “re Cristianização” vigente na contemporaneidade.

Para entender esse processo, é necessário analisar algumas iniciativas empreendidas pelo bispado da Diocese de Estância no último decênio referente à difusão de novas práticas devocionais e de reconhecimento de espaços sacralizados. Tais iniciativas revelam estratégias de reordenamento do território diocesano, bem como expressa a preocupação em se constituir uma identidade devocional em âmbito

diocesano. A referida diocese é constituída por 27 paróquias, distribuídas em cinco Foranias que reúnem 16 municípios, como pode ser observado na Figura 1:¹

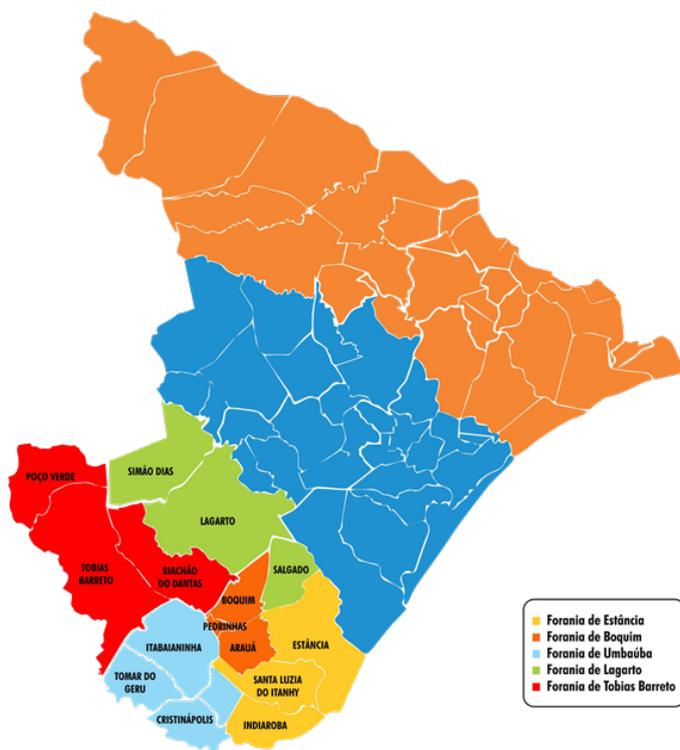


Figura 1: Distribuição das Foranias da Diocese de Estância.

Na última década, o perfil dessas Foranias foi drasticamente alterado, por meio do desmembramento das paróquias no intuito de promover uma melhor assistência do clero em relação à população. Com isso, os municípios mais populosos como Estância e Lagarto, sofreram uma sensível ampliação do número de paróquias, com a redistribuição das comunidades e aumentando a presença do clero nas mesmas. Atualmente as paróquias estão assim distribuídas:

Quadro 1: Paróquias da Diocese de Estância

N ^o	Paróquia	Município	Forania
1	Nossa Senhora de Guadalupe	Estância	Estância
2	Senhor do Bonfim		
3	Natividade do Senhor		
4	São Francisco de Assis		
5	Santa Luzia	Santa Luzia do Itanhy	Estância
6	Divino Espírito Santo	Indiaroba	

¹ Mapa disponível no sítio da Diocese de Estância. Cf: <http://www.diocesedeestancia.com.br/foranias.html> . Consultado em: 07 de abril de 2016.

7	Nossa Senhora da Piedade	Lagarto	Lagarto
8	Santa Luzia		
9	Nossa Senhora de Fátima		
10	Nossa Senhora das Graças		
11	Santa Luzia		
12	Santa Terezinha e Sagrada Face		
13	Senhora Sant'Ana	Simão Dias	
14	Senhor do Bonfim	Salgado	
15	Senhora Sant'Ana	Boquim	Boquim
16	Santa Rita de Cássia		
17	Nossa Senhora da Conceição		
18	São José		
19	Nossa Senhora da Guia	Umbaúba	Umbaúba
20	Nossa Senhora da Conceição	Itabaianinha	
21	São José		
22	Nossa Senhora do Socorro	Tomar do Geru	
23	São Francisco de Assis	Cristinápolis	
24	Nossa Senhora Imperatriz dos Campos	Tobias Barreto	
25	Nossa Senhora do Amparo	Riachão do Dantas	
26	Nossa Senhora da Conceição Aparecida		
27	São Sebastião	Poço Verde	

Os dados do Quadro 1 elucidam uma fragmentação paroquial na Diocese de Estância, principalmente nos municípios de Lagarto e Estância, sedes das duas maiores Foranias diocesanas. Outra questão relevante para a compreensão do campo devocional é a distribuição dos padroeiros das referidas paróquias, nas quais há uma evidente ênfase na sagrada parentela² com cinco paróquias devotas a Cristo, onze a Nossa Senhora, duas a São José e duas a Sant'Ana. Nesse caso, das 27 paróquias existentes na referida diocese, 20 são devotadas a sagrada parentela (74,07%). Além dessas devoções,

² Refere-se a Jesus, Santa Maria, São José, Sant'Ana e São Joaquim.

destacam-se São Francisco, com duas paróquias e Santa Luzia, com três. Nesse sentido, percebe-se como a Diocese de Estância vem apresentando um aumento do número de paróquias, mas mantendo uma linha devocional dentro dos cânones da tradição católica popular brasileira.

Outra questão relevante é concernente ao processo de elevação de alguns templos a condição de santuários diocesanos. O santuário é uma designação atinente a templos de nos quais recebem grande afluxo de devotos ao longo do ano e geralmente são alvo de peregrinações aprovadas pelo clero. Uma característica importante dos santuários é o fato dele ser declarado a partir da aprovação diocesana, ou seja, são distintos dos santuários populares fora do âmbito da Igreja Católica. No Brasil, a disseminação de santuários reconhecidos pelo bispado ocorreu a partir do final do século XIX, momento no qual o clero passou a retomar o controle dos principais centros de romarias no país. Para o reconhecimento de santuários, a Santa Sé apresenta as prerrogativas que devem ser seguidas pelos bispos, de acordo com o Código Canônico:

Cân. 1230 Sob a denominação de santuário, entende-se a igreja ou outro lugar sagrado, aonde os fiéis em grande número, por algum motivo especial de piedade, fazem peregrinações com a aprovação do Ordinário local.

Cân. 1231 Para que um santuário possa dizer-se nacional, deve ter a aprovação da Conferência dos Bispos; para que possa dizer-se internacional, requer-se a aprovação da Santa Sé.

Cân. 1232 § 1. Para aprovar os estatutos de um santuário diocesano, é competente o Ordinário local; para os estatutos de um santuário nacional, a Conferência dos Bispos; para os estatutos de um santuário internacional, somente a Santa Sé.

§ 2. Nos estatutos, devem ser determinados principalmente a finalidade, a autoridade do reitor, o domínio e a administração dos bens.

Cân. 1233 Poderão ser concedidos determinados privilégios aos santuários, sempre que as circunstâncias locais, o afluxo de peregrinos e principalmente o bem dos fiéis parecerem aconselhá-los.

Cân. 1234 § 1. Nos santuários, ofereçam-se aos fiéis meios de salvação mais abundantes, anunciando com diligência a palavra de Deus, incentivando adequadamente a vida litúrgica, principalmente com a Eucaristia e a celebração da penitência, e cultivando as formas aprovadas de piedade popular.

§ 2. Os documentos votivos da arte popular e da piedade sejam conservados em lugar visível nos santuários ou em locais adjacentes, e sejam guardados com segurança. (SANTA SÉ, 1983, p. 82-83).

Percebe-se que um dos requisitos apontados para a ereção de um santuário diocesano é o contingente de devotos ao templo, explicitando inclusive a presença de peregrinações e de práticas devocionais populares. Possivelmente esse foi o critério para elevar a Igreja Matriz de Nossa Senhora da Piedade a condição de “Santuário Mariano Diocesano” no bispado de Dom José Bezerra Coutinho em 1984. Posteriormente, mais

duas igrejas foram elevadas a condição de santuário. A primeira foi a Igreja Nossa Senhora do Rosário, templo tradicional da cidade de Estância que, no século XIX, abrigou a irmandade dos homens pretos. Esse templo foi elevado à condição de “Santuário Eucarístico” por Dom Marco Eugênio Galvão Leite de Almeida. Por fim, o terceiro santuário, criado pelo mesmo bispo em 2010, na cidade de Santa Luzia do Itanhy.

O caso de elevação da Igreja Matriz de Santa Luzia a condição de Santuário Diocesano é elucidativo sobre os usos do passado, especialmente na questão da conquista católica de Sergipe. O argumento central para a elevação foi o fato de naquela localidade ter sido celebrada a primeira missa, ou seja, ser o marco inicial da evangelização das terras sergipanas. Essa assertiva, permeada pela ideia de continuidade, está presente no texto de diocesano de ereção do santuário:

Santuário de Santa Luzia. Diocese de Estância.
 Nas comemorações dos 330 anos de Paróquia e 435 anos de missão, esta Igreja Matriz de Santa Luzia, em Santa Luzia do Itanhy-SE, local onde foi celebrada a 1ª Missa em solo sergipano, em 1575, foi elevada à dignidade de SANTUÁRIO, por decreto do Bispo Diocesano Dom Marco Eugênio Galvão Leite de Almeida, em 13 de dezembro de 2010, Ano da graça do Senhor.
 Ut in omnibus glorificentur Deus
 Dom Marco Eugênio Galvão Leite de Almeida
 Bispo Diocesano
 Pe. Genivaldo dos Santos
 Pároco
 Pe. João Eudson da Silva
 Vigário Paroquial. (DIOCESE DE ESTÂNCIA, 2010).

Percebe-se como, no caso do Santuário de Santa Luzia, a história foi o alicerce para o reconhecimento da sacralidade do templo e da própria localidade. A antiguidade da construção, da criação da paróquia e as reminiscências da catequese se tornaram o lastro no qual se confirmava a importância da edificação religiosa. Os fatos históricos foram utilizados como prova da relevância da igreja como o passo inicial da catequese. Por esse motivo, duas datas são recuperadas no sentido de reafirmar a historicidade da antiga matriz: a criação da paróquia e da missão. No entanto, outro episódio foi apresentado como fator determinante para tornar a matriz digna do título de santuário. Trata-se da celebração da primeira missa em solo sergipano, ou seja, novamente remetia ao processo de conquista, iniciado nos idos de 1575, como fruto de uma iniciativa católica. Essas experiências históricas atinentes ao lugar e valorizadas pelas iniciativas reformadoras da Diocese de Estância reafirma uma condição elucidada por Llorenç Prats:

Nuestra herencia, nuestro verdadero patrimonio como especie, está constituido por la acumulación de la experiencia cultural humana en toda su profundidad y diversidad y es una herencia irrenunciable, de la que, por otra parte, estamos viviendo. (PRATS, 2005, p. 5).

Uma herança irrenunciável voltada para a experiência da conquista jesuítica é o ponto de convergência na questão da elevação a santuário e na subsequente criação de uma peregrinação diocesana para Santa Luzia. O primeiro ato ocorreu nas festividades da padroeira do município, no dia 13 de dezembro de 2010. No ano seguinte, o bispo diocesano criou uma nova prática devocional para o seu rebanho, com a peregrinação entre a Catedral Nossa Senhora de Guadalupe de Estância e o Santuário de Santa Luzia. Tratava-se de um longo percurso, com aproximadamente dez quilômetros de distância entre as duas cidades, com uma simbiose entre os elementos religiosos tidos como tradicionais e outros inovadores, como as camisas padronizadas, os trios elétricos e as atividades de ginástica.

Uma questão relevante se levarmos em consideração as diretrizes determinadas no Código Canônico acerca dos santuários, é a inversão da ordem das ações, pois enquanto o documento da Santa Sé apresenta como uma das condições para elevar um templo a santuário a existência de peregrinações; no caso explicitado, a referida peregrinação foi criada a posteriori. Somente após a criação do santuário é que ocorrem práticas voltadas para a aglutinação de peregrinos. Essa questão reafirma o fato de o motivador para a criação do santuário ter sido uma narrativa da cultura histórica regional e não a presença de práticas devocionais orientadas pela Igreja, no caso, inseridas no momento posterior.

É importante salientar que nas quatro primeiras edições, entre 2011 e 2014, a peregrinação ao Santuário de Santa Luzia tinha um aparato mais restrito, apenas com a reunião das seis paróquias integrantes da Forania de Estância. Mesmo assim, o número de peregrinos era consideravelmente expressivo, se tratando de uma celebração recente. O crescimento do evento foi registrado no jornal da cidade de Estância, “A Tribuna Cultural”, que noticiou:

A cada ano a Peregrinação ao Santuário de Santa Luzia vem atraindo milhares de peregrinos. A primeira peregrinação aconteceu no dia 4 de setembro de 2011, e atraiu mais de 4 mil pessoas. Já a segunda, que ocorreu ano passado, conseguiu acolher mais de 6 mil participantes. Segundo o padre Gilmar, a peregrinação engloba as paróquias de Nossa Senhora de Guadalupe, Senhor do Bomfim (bairro Bomfim), São Francisco de Assis (bairro Cidade Nova), Santa Luzia e Indiaroba. “Se tinha o santuário, mas não tinha essa peregrinação. Existia apenas a via-sacra”, lembrou o padre. (A TRIBUNA CULTURAL, 2013).

O texto noticioso busca revelar o crescimento do número de peregrinos que se dirigiam para o santuário. O aumento do número de peregrinos é apresentado como um indício da aceitação da nova expressão de fé, bem como do direcionamento da cidade de Santa Luzia do Itanhy como um centro de romaria, portadora de forte potencial turístico. Ao considerarmos o número restrito de paróquias envolvidas na manifestação religiosa, esse número apresenta-se de forma significativa. Todavia, um aspecto relevante no texto é a assertiva do pároco de Santa Luzia voltada para justificar o intento de se inventar a peregrinação. Ele informa que apesar de existir o santuário, a peregrinação foi criada posteriormente.

Além disso, ele cita a existência de uma Via-Sacra, realizada anteriormente. Essa Via-Sacra foi incorporada à programação da peregrinação ao Santuário de Santa Luzia e é um dos principais momentos de reafirmação da cultura histórica na celebração. Trata-se de uma caminhada entre Igreja Santuário e o cruzeiro, localizado na periferia da cidade. Esse cruzeiro, de data desconhecida, é tido como a demarcação do lugar onde teria sido celebrada a primeira missa em Sergipe.

Nesse caso, novamente o passado é usado como alimento para a inserção de novas práticas no tempo presente. A cultura histórica acerca da conquista católica de Sergipe é o eixo central que amarra as diferentes práticas devocionais centradas na cidade de Santa Luzia. É um itinerário historicizado, no qual os episódios do passado, sem qualquer definição espacial determinada no âmbito da historiografia regional ou na documentação, galgam espaços de demarcações estabelecidas. O passado é concretizado por meio de bens simbólicos redefinidos, apropriados, ou inventados. Os fatos são concretizados com a inserção de bens materiais e celebrações católicas.

Observam-se como as celebrações religiosas presentes na peregrinação ao Santuário de Santa Luzia mesclam elementos já existentes com novas expressões devocionais. De acordo com o impresso, a Via-Sacra foi introduzida pelo pároco Gilmar e possivelmente já era realizada antes mesmo da elevação a Santuário. O jornal também expressa sobre o idealizador da peregrinação:

De acordo com padre Gilmar, a Peregrinação ao Santuário de Santa Luzia, foi uma iniciativa do bispo diocesano, Marco Eugênio. “Convidamos todos a participar, inclusive os jovens. Para crianças e os mais de idade, podem organizar o transporte para conduzi-los até a cidade”, informou o sacerdote. (A TRIBUNA CULTURAL, 2013).

O convite para a manifestação religiosa apresenta a polissemia das práticas, voltadas para um público amplo e diversificado, uma simbiose capaz de aglutinar

elementos da tradição popular e até mesmo jovens vinculados às novas comunidades católicas. Um indício desse enredo difuso e heterogêneo está presente na programação da solenidade de 2013:

A Peregrinação ao Santuário de Santa Luzia sairá neste domingo, 25, a partir das 6h30 depois de uma missa na Catedral. Antes da partida, haverá um momento de ginástica e terá uma equipe de apoio, que vai estar dando assistência ao pessoal, onde estará usando um colete de identificação. A equipe de apoio será formada pelos integrantes do Terço dos Homens.

PERCURSO

Padre Gilmar informou que depois da ginástica para os peregrinos que vão participar desse evento, a orientação, é que as pessoas devem andar pela via direita da rodovia Camilo Calazans. “Teremos apoio da SMTT, que fará a segurança durante o percurso. “A previsão da chegada a Santa Luzia é às 11h00. Haverá uma bênção à imagem de Santa Luzia, que será colocada na entrada da cidade e que mede 4 metros”, disse.

Terá um trio elétrico e grupo musical que estarão animando a peregrinação durante o caminho. Para Gilmar, esse é um momento de fé para a cidade. “As equipes de animação e reflexão estarão atuando nessa peregrinação”, destacou. (A TRIBUNA CULTURAL, 2013).

O enredo da celebração apresenta-se imbricado do liame de práticas aparentemente antagônicas, como a ginástica, os trios elétricos, as missas e o terço dos homens, mas que são utilizadas no intuito de promover a aglutinação de diferentes atores sociais e de reatar os laços devocionais e identitários da comunidade com os lugares santos. Outra questão importante presente na programação de 2013, é a forma pela qual o poder público municipal utiliza-se da nova expressão religiosa vinculada à cidade para implementar a sua potencialidade turística. Com isso, a Prefeitura Municipal custeou a construção de uma estátua de Santa Luzia na entrada da cidade. Reifica-se a devoção e o potencial da urbe como centro de romaria. Observe a Figura 2³:



Figura 2: Peregrinos diante da Estátua de Santa Luzia em 2014

³ Essa imagem elucida a chegada dos peregrinos à cidade. Observe na imagem, produzida pela Diocese de Estância, a presença do trio elétrico. Cf: <http://dioceseestanciana.blogspot.com.br/2014/08/peregrinacao-ao-santuario-de-santa-luzia.html> Consultado em: 10 de junho de 2015.

A articulação entre a Igreja e a Prefeitura Municipal constituiu um cenário permeado de elementos simbólicos, ao remeter para as questões devocionais e da cultura histórica regional. Desse modo, as duas esferas de poder criaram atrativos diversificados para atender a uma demanda crescente, como evidencia o jornal estanciano Papparazzo Sergipe:

Foi realizada neste domingo (30) a “Peregrinação ao Santuário de Santa Luzia” em Santa Luzia do Itanhy/SE. Organizado pela Diocese de Estância, O evento teve início logo após a Santa Missa de Envio na Igreja do Rosário, presidida pelo bispo diocesano, Dom Giovanni Crippa após a Missa já em frente à Belíssima Catedral todos os participantes já uniformizados com a camisa da Peregrinação receberam a bênção de “envio”. Exatamente às 8h e 30m, iniciou-se a caminhada, animada por um trio elétrico. Durante todo o percurso mais de sete mil Peregrinos seguiam louvando ao Senhor, com o apoio da Polícia rodoviária e militar, Corpo de Bombeiros e Ambulâncias. Os Peregrinos chegaram por volta do meio dia em Frente ao Santuário dedicado a Santa Luzia na cidade Santa Luzia do Itanhy/SE, houve uma parada para descanso e almoço, tudo com muita organização. Às 14 horas teve início a Bênção do Santíssimo Sacramento no Santuário;
13h30min – Via Sacra para o Cruzeiro (Marco histórico para a Igreja em Sergipe);
15h – Missa de encerramento. (PAPARAZZO SERGIPE, 2015).

Percebe-se, por meio da matéria produzida pelo jornal, um aumento expressivo do número de peregrinos e a constituição de hierarquias presentes na manifestação religiosa, na qual a Via Sacra permanece como ponto central de toda a peregrinação. Além disso, o texto reafirma a condição de relevância do cruzeiro de Santa Luzia, como “marco histórico para a Igreja”, ou seja, o lugar onde supostamente teria ocorrido a primeira missa. Esse episódio é o cerne do discurso acerca da peregrinação, enfatizado em anúncios, nas celebrações e até mesmo nas descrições do evento. A Diocese de Estância assume o papel de difusora de um passado. A Tribuna Cultural apresentou a cidade com essa marca mnemônica:

Vem sendo bem divulgada na paróquia de Nossa Senhora de Guadalupe, da cidade de Estância, a 3ª Peregrinação ao Santuário de Santa Luzia, localizado no município de Santa Luzia do Itanhy, distante 76 Km de Aracaju, onde foi celebrada a 1ª Missa de Sergipe Del Rey, pelos padres jesuítas Gaspar Lourenço e João Solônio. (A TRIBUNA CULTURAL, 2013).

Os usos do passado é uma tônica dos textos produzidos pela imprensa regional, pela Prefeitura Municipal e pela Diocese de Estância. Percebe-se uma preocupação sistemática em recuperar o passado e no seu uso para constituir uma nova prática devocional no alvorecer do século XXI. Os padres jesuítas do século XVI são transformados em heróis da conquista, da conversão dos gentios. Esse fato histórico,

recuperado e redefinido, torna-se o instrumento de edificação de novas tradições, como explicita a notícia da Gazeta de Estância:

No mês dedicado as vocações, já é tradição na Forania de Estância, a realização da Peregrinação ao Santuário de Santa Luzia, um grande momento de devoção que reúne milhares de pessoas de várias cidades do Estado. Nesta quinta edição, em comemoração ao Ano da Vida Consagrada, o evento contará com a participação de todas as paróquias da Diocese de Estância. (GAZETA DE ESTÂNCIA, 2015).

A tradição da peregrinação é criada na Diocese de Estância e busca aglutinar diferentes segmentos do mundo católico, inclusive jovens e idosos. Para isso, a festividade é pensada com a articulação de duas programações distintas:

Para as pessoas que não acompanharão a caminhada, em virtude de alguma enfermidade, haverá uma programação toda especial no Santuário de Santa Luzia. As camisas da Peregrinação, que ajudarão a custear o evento, estão sendo vendidas nas secretarias paroquiais no valor de R\$ 20,00. Segue abaixo toda a programação:

7h - Missa de Envio na Igreja do Rosário, presidida pelo bispo diocesano, Dom Giovanni Crippa;

8h15min - Momento sobre a Vida Consagrada;

8h30min - Saída da Peregrinação;

12h - Benção do Santíssimo Sacramento no Santuário;

13h30min - Via Sacra para o Cruzeiro (Marco histórico para a Igreja em Sergipe);

15h - Missa de encerramento. (GAZETA DE ESTÂNCIA, 2015).

A manifestação católica, criada no século XXI, respalda a necessidade em direcionar as devoções das camadas populares. Recria tradições, reinventa o passado e busca ampliar o número de peregrinos com a inserção de todas as paróquias da diocese. O projeto de futuro voltado para a reaproximação dos devotos do âmbito da Igreja Católica perpassa pela busca no passado de ações que sirvam de inspiração, principalmente, a experiência jesuítica da conquista católica de Sergipe.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A peregrinação ao Santuário de Santa Luzia do Itanhy é a mais recente expressão devocional do catolicismo em Sergipe e elucida a preocupação de expandir as celebrações em novos espaços, com a integração de diferentes públicos. Isso ocorreu por meio da difusão de cerimônias com diferentes conotações, voltadas para a tradição, como a via sacra, ou inovadoras com os arrastões. A peregrinação passou a integrar jovens e idosos em novos espaços devocionais.

Além disso, a peregrinação de Santa Luzia revela outra faceta instigante, com os usos do passado na legitimação das devoções do presente, com a configuração de novos centros de romaria. O passado da cidade e, principalmente, os episódios da conquista católica de Sergipe, são recuperados no intento de edificar lugares de memória, para promover espaços de visitação, reafirmados como lócus da sacralidade. O discurso histórico é apropriado como elemento propulsor da devoção.

REFERÊNCIAS

ALVES, Francisco José. Três marcos de Sergipe Colonial: 1575, 1590 e 1637. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe*. Vol. 2. Nº 45. Aracaju, 2015.

ARAGÃO, Ivan Rêgo. “*Vinde, todas as pessoas, e vede a minha dor*”: a Festa/Procissão ao Nosso Senhor dos Passos como atrativo potencial turístico em São Cristóvão-Sergipe-Brasil. Ilhéus-Bahia, 198 f. Dissertação (Mestrado em Cultura e Turismo). Universidade Estadual Santa Cruz, 2012.

ARCILA, María Teresa. Introducción: fiestas tradicionales e identidades locales en el Occidente de Antioquia. In: *Entre Diablitos y Santos: fiestas en el Occidente Antioqueño*. Medellín: Hombre Nuevo Editores; INER; Universidad de Antioquia, 2009.

A TRIBUNA CULTURAL. Diversas caravanas confirmam presença na peregrinação à Santa Luzia, que acontece neste domingo. *A Tribuna Cultural*. Estância, 19 de agosto de 2013.

BITTENCOURT JÚNIOR, Antônio. *A Procissão dos Penitentes do Senhor dos Passos: um estudo de comunicação na religiosidade popular, no município de São Cristóvão, no Estado de Sergipe*. Rio de Janeiro, 153 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura). UFRJ, 2003.

BONFIM, Luís Américo. *O signo votivo católico no Nordeste oriental do Brasil: mapeamento e atualidade*. Vol. 1. Salvador, 156f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) UFBA, 2007.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. Trad. Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FREIRE, Felisbelo. *História de Sergipe*. 2. ed. Petrópolis: Vozes; Aracaju: Governo do Estado de Sergipe, 1977.

FRENCH, Jan Hoffman. A tale of two priests and two struggles: liberation theology from dictatorship to democracy in the Brazilian northeast, *The Americas*, n. 63, 2007, p. 409-443.

GAZETA DE ESTÂNCIA. Diocese de Estância realizará peregrinação ao Santuário de Santa Luzia. *Gazeta de Estância*. Estância, 25 de agosto de 2015.

- GOMES, Ângela de Castro. Cultura política e cultura histórica no Estado Novo. In: SOIHET, Rachel; GONTIJO, Rebeca; GOMES, Ângela de Castro. *Cultura política e leituras do passado: historiografia e ensino de História*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas-SP: Unicamp, 2008.
- NUNES, Maria Thetis. A integração do território sergipano à colonização portuguesa. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Nº 408. Rio de Janeiro, 2000.
- NUNES, Maria Thetis. *Sergipe Colonial I*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.
- OCAMPO LÓPEZ, Javier. *Credencial Historica*. Nº 44, Bogotá, 1993.
- OLINO, Vicente. História do Município de Santa Luzia. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe*. Nº 14. Aracaju, 1929.
- PAPARAZZO SERGIPE. Diocese de Estância realizou peregrinação ao Santuário de Santa Luzia. *Paparazzo Sergipe*. Estância, 31 de agosto de 2015.
- PEREIRA, Lúcia Maria. *Ícones de cura e fé: as promessas da Igreja Senhor dos Passos em São Cristóvão, um discurso sobre a doença*. São Cristóvão, 160f. Dissertação (Mestrado em Antropologia), UFS, 2012.
- PRATS, Llorenç. El patrimonio en tiempo de crisis. *Revista Andaluza de Antropología*. Nº 2, 2011, p. 68-85.
- PRATS, Llorenç. Concepto e gestión del patrimonio local. *Cuadernos de Antropología Social*. Nº 21. Buenos Aires, 2005.
- SANTA SÉ. *Código de Direito Canônico*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1983.
- SANTOS, Ane Luíse Silva Mecnas. A experiência jesuítica na conquista de Sergipe. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe*. Vol. 2. Nº 45. Aracaju, 2015.
- SANTOS, Claudfranklin Monteiro. *A festa de São Benedito em Lagarto-SE (1771-1928): limites e contradições da romanização*. Recife, 365f. Tese (Doutorado em História). UFPE, 2013.
- SANTOS, Cristiane Batista dos. *Caminho da fé: um estudo antropológico da peregrinação ao Santuário de Divina Pastora/SE*. São Cristóvão. Dissertação (Mestrado em Antropologia), 2013.
- SANTOS, Magno Francisco de Jesus; SANTOS, Ane Luíse Silva Mecnas. A experiência das romarias. In: SANTOS, Magno Francisco de Jesus; SANTOS, Ane

Luíse Silva Mecenas (Org.). *História das Romarias em Sergipe*. Aracaju: Criação, 2016.

SANTOS, Magno Francisco de Jesus. *A peregrinação à Divina Pastora*. Aracaju: EDISE, 2015.

SANTOS, Magno Francisco de Jesus. “Bendita e louvada seja”: política cultural e registro das romarias como patrimônio imaterial em Sergipe. *Revista Brasileira de História das Religiões*. Ano VIII, nº 24. Maringá: ANPUH, 2016, p. 45-64.

SANTOS, Magno Francisco de Jesus. No sertão e na capital, salve Aparecida: peregrinações em Sergipe no tempo presente. *Estudos Históricos*. Vol. 28, Nº 55. Rio de Janeiro, 2015.

SANTOS, Magno Francisco de Jesus. “*O Prefácio dos Tempos*”: caminhos da romaria do Senhor dos Passos em Sergipe (séculos XIX e XX). Niterói, 310f. Tese (Doutorado em História). UFF, 2015.

SANTOS, Magno Francisco de Jesus. Os cravos da morte na Cidade Jardim: a Procissão dos Passos em Estância, Sergipe (1850-1920). *Mneme: Revista de Humanidades*. Vol. 11, Nº 29. Caicó, 2011.

Recebido em 09/04/2016

Aceito em 01/07/2016